

Manuel Gregório Pestana Júnior - Vida e Obra

Exmo. Senhor Presidente da C. M. do Porto
Santo

Exmo. Senhor Presidente do Clube Rotário
do Porto Santo

Exmas. Entidades convidadas

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Na data convencionada para a comemoração do Achamento do Porto Santo, numa iniciativa do Clube Rotário e da Câmara Municipal, coube-me a honra de ter sido convidado para pronunciar algumas palavras neste acto solene.

Agradeço o convite e a oportunidade, e aproveito para, num momento em que ambos nos preparamos para viver outras etapas da nossa vida profissional, para lhe agradecer Senhor Presidente da C. M. do Porto Santo, e meu caro amigo Roberto Silva, toda a partilha e a saudável cumplicidade que estabelecemos ao longo de muitos anos.

Um relacionamento que nos enriqueceu mutuamente, e que, por certo, perdurará, até porque os laços entre as pessoas vão muito para além das relações institucionais.

Podendo optar por proferir uma conferência sobre a temática da data, cairia, certamente, na repetição de abordagens anteriores, em datas similares aqui proferidas.

Decidi, por isso, tendo presente a premente necessidade de não deixarmos morrer os valores humanos, históricos e culturais que nos foram legados pelos nossos antepassados, e as suas próprias figuras de excepção e de exemplar cidadania - e que é nossa responsabilidade preservar e divulgar – recordar uma figura portossantense, quiçá a mais importante de sempre pelo seu percurso e legado, marcada pelo saber, pela cultura, pelos valores, pelo espírito e pelos ideais democráticos, bem como pelo trajecto político e profissional, Manuel Gregório Pestana Júnior, que os registos históricos referem geralmente como o Dr. Pestana Júnior.

A ditadura que nos governou durante quase meio século, a par da promoção das figuras do regime, encarregou-se de

obliterar aqueles que lhe foram adversos, arrastando à conta do pensamento e prática política contrária à 'situação', todos os demais contornos do perfil pessoal, social e cultural dos que lhe eram opositores.

Neste aspecto a vida e a obra do Dr. Pestana Júnior constitui um exemplo do que se acaba de afirmar.

A comemoração do 1.º Centenário da República Portuguesa permitiu que as atenções dos investigadores às figuras marcantes do percurso republicano – em particular as da chamada 1.ª República, os protagonistas do 28 de Maio e os que pugnaram pela evolução democrática do movimento de 1926, os quais, vencidos, foram arrumados na memória parda dos arquivos, agora agitados pela pesquisa e

investigação histórica recentes, aproveitando, sempre que possível, o recurso a testemunhos ainda vivos de descendentes, familiares, amigos e contemporâneos.

Se a figura ímpar do Dr. Pestana Júnior, enquanto político democrata, lutador anti-fascista e defensor da autonomia não escapou à tentativa de apagamento, é também alvo recente das atenções de que é merecedor, pese embora estejamos, devo dizê-lo, distantes daquilo que deve e pode ser feito. Permitam-me que, nesta senda, refira dois momentos recentes e marcantes: a publicação, em Maio de 2010 de um ensaio biográfico e foto-biográfico, ***“Pestana Júnior – ‘profeta’ Republicano”***, Ed. Villa Isaura, da autoria de Aires B. Henriques e de Catarina Pestana Henriques, esta descendente do

biografado, e o descerramento de uma placa, em Agosto de 2010, na casa onde nasceu e viveu o ilustre portossantense, referenciado nesse significativo acto, não apenas pelo seu já referido trajecto político, mas pelas suas virtudes como cidadão norteado por valores éticos e sociais de excepção.

Pestana Júnior nasceu no Porto Santo, em 1886, e aqui faleceu, em 1969. Foram seus pais, Manuel Gregório Pestana e Maria Carolina Ramos. Na nota biográfica assinada por Luiz Peter Clode¹, é referido o seu casamento com Maria Ângela Rego Santos Pestana, sendo seus filhos, Maria da Luz, Maria Teresa, Maria Emília e Francisco.

Frequentou inicialmente o Liceu do Funchal, após o que transitou para o

¹ CLODE, L.P. – *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses dos Sécs. XIX e XX. Funchal*. Caixa Económica do Funchal, Funchal, 1983. Pp.373-374.

Colégio de Campolide, da Companhia de Jesus, onde fez a sua formação secundária, até que em 1905 se matricula na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, *ali continuando a impor-se pela inteligência viva ao lado de (...) outros que foram figuras de primeiro plano da vida pública portuguesa*².

Uma nota bem demonstrativa dos princípios éticos da sua personalidade podem ser encontrados na forma reconhecida como sempre referenciou a sua formação num colégio jesuíta, apesar da evolução anticlericalista que veio a revelar. Veja-se a este propósito o que nos relata Luiz Peter Clode³ em citação não identificada: *Passados muitos anos, quando a república Democrática era o regime do País, no Parlamento, o Capitão*

² Luiz Peter Clode, ob.cit., a pgs. 374.

³ Luiz Peter Clode, ob.cit., a pgs. 374.

Cunha Leal atacou os jesuítas e então, com surpresa geral, o Dr. Pestana Júnior, com nobre altivez saiu a campo, defendendo com vigor os seus antigos mestres, confessando que tudo quanto o fizera vencer na vida aos jesuítas o devia. Esse fundo de honestidade e de independência que lhe inculcaram os jesuítas, mantivera-o sempre.

Os seus dons de inteligência e oratória foram conhecidos desde muito cedo, sendo referidos com destaque pelo Visconde do Porto da Cruz⁴ quando lembra que, ainda aluno do Colégio Jesuíta de Campolide, *já era ali considerado como uma das mais vigorosas e brilhantes inteligências da sua geração.* Este literato Madeirense relewa dois momentos em que os dons retóricos de Pestana Júnior se

⁴ VISCONDE do Porto da Cruz – História Literária da Madeira. Câmara Municipal do Funchal, Funchal, 1953.

revelaram publicamente, ainda aluno do Colégio, aquando da saudação à visita ao estabelecimento dos príncipes Luís Filipe e Manuel, filhos de D. Carlos, e no discurso de boas-vindas ao Conselheiro Azevedo Coutinho, regressado de arrojados feitos africanos.

É ainda o Visconde do Porto da Cruz que afirma: *“Na verdade Pestana Júnior é um orador fluente e com o impressionante poder de electrizar multidões. Quer nos comícios de propaganda republicana e anti-católica, quer no Parlamento, quer no Tribunal, Pestana Júnior brilha e domina pelo poder da sua eloquência”*.

“Em Coimbra foi um dos elementos mais activos da célebre e tumultuosa greve académica de 1907, em que se destacaram os estudantes republicanos, chegando, por

esse motivo, a ser processado, julgado e finalmente absolvido⁵”.

Tendo completado a sua formação em Direito em 1910, regressa à Madeira onde se encontra à data da implantação da República, iniciando-se aqui a sua carreira política, sendo nomeado o primeiro Administrador do Concelho do Funchal, cargo que exerce até 1911, quando é eleito pelo Funchal como deputado às constituintes, cargo para que foi sucessivamente eleito até 1917, interrompido pelo movimento revolucionário de Sidónio Pais, cargo que volta a assumir de 1922 a 1926, mas então eleito por Lisboa.

Militou no Partido Republicano Português, tendo acompanhado o movimento dissidente e a fundação do Partido

⁵ Luiz Peter Clode, ob.cit., a pgs. 374.

Republicano da Esquerda Democrática, a cujo primeiro directório pertenceu.

A 6 de Julho de 1924 é empossado o 20.º governo pós-sidonista, liderado pelo militar da Armada, Rodrigues Gaspar. *“Sem Afonso Costa, com o Partido Democrático dividido entre o grupo maioritário de António Maria da Silva, os chamados ‘bonzos’, o grupo esquerdista dos ditos ‘canhotos’, liderado por José Domingues dos Santos, e o grupo centrista, de Vitorino Guimarães, surgem três experiências governamentais falhadas, entre Julho de 1924 e Agosto de 1925⁶.”*

O Governo de Rodrigues Gaspar dura 139 dias, o de José Domingues dos Santos, 85 dias e o de Vitorino Guimarães, 136 dias.

⁶ Cf. Maltez, J.A. (2005). *Tradição e Revolução*, Vol. II, p. 307.

É neste contexto que Pestana Júnior passa pelo Governo presidido por José Domingos dos Santos, com a pasta das Finanças.

Conforme a biografia citada⁷ *“ao assumir, de facto, o cargo de Ministro das Finanças no governo que então se organiza, Pestana Júnior assume um papel preponderante na afirmação do seu programa que, por portador de medidas de política inovadoras e progressistas, repetirão – como já sucedera nos Ministérios que o antecederam - a oposição dos grupos de interesses comerciais e industriais (...). E, citando Rocha Martins⁸, prossegue: “Pestana Júnior, que ‘não era jacobino, mas recebia o elogio dos avançados’, era um ‘político capaz de tentar uma grande transformação social’, mas caracterizado*

⁷ HENRIQUES, A. & HENRIQUES, C. – Pestana Júnior - ‘profeta’ Republicano. Villa Isaura, Pedrógão Grande, 2010

⁸ In *A Europa em Guerra*, por MARTINS, R., Ed. Inquérito.

pela ponderação que as circunstâncias impunham, nem sempre demonstraria uma 'decisão rápida'.

(...)

Como ministro responsável pelas Finanças do país, Pestana Júnior era herdeiro de uma herança difícil, resultante da desorientação económico-financeira que se seguiu ao pós-guerra e às convulsões político-militares subsequentes. A sua actuação teve, assim, que empenhar-se decididamente no restabelecimento do 'equilíbrio orçamental e saneamento das finanças públicas' (...). É, assim, que a primeira das medidas de vulto do seu ministério 'consistiu na proposta orçamental para 1925-26, apresentada na Câmara dos Deputados em 13 de Janeiro de 1925, logo seguida pelo decreto de 17

*do mesmo mês, reformando extensa e profundamente o exercício das actividades bancárias⁹”.*¹⁰

O clima de contestação desencadeado pelas poderosas, *União dos Interesses Económicos* e *Associação Comercial de Lisboa*, com reflexos no Parlamento, leva à exoneração do Governo, e à sua substituição por outro chefiado por Vitorino Guimarães. Note-se, porém, que o novo governo reconhece o trabalho de Pestana Júnior e afirma o propósito de prosseguir a sua política em matéria de economia e finanças.

“Alguns dias antes de deixar a presidência do Ministério, também José Domingues dos Santos se pronunciaria sobre o assunto. Em entrevista ao diário A Tribuna¹¹ dirá que ‘a

⁹ In História de Portugal, por PERES, S., Portucalense, 1954, a pgs. 391.

¹⁰ HENRIQUES, A. & HENRIQUES, C., ob. cit., a pags.115.

¹¹ 27/02/1925.

verdadeira e última razão' da queda do seu governo foi 'a necessidade de evitar que se discutissem propostas de lei que acabavam com os monopólios em Portugal'¹².

Em Novembro de 1925 Pestana Júnior é eleito para o Parlamento pela Esquerda Democrática. No mesmo mês é eleito vereador da Câmara de Lisboa pela Conjunção Esquerdista-Radical. No congresso da Esquerda Democrática apresenta uma tese intitulada *O Problema Financeiro*.

Importa aqui referir a sequência cronológica dos acontecimentos que criaram as circunstâncias conducentes às vicissitudes políticas e persecutórias desencadeadas contra Pestana Júnior.

¹² QUEIROZ, A.J. – *A Esquerda Democrática e o Final da Primeira República*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

Na madrugada de 28 de Maio de 1926, o general Gomes da Costa inicia um movimento revoltoso, em Braga, e marcha sobre Lisboa.

Em Lisboa, uma Junta de Salvação Pública lança um manifesto subscrito por Mendes Cabeçadas, Gama Ochôa, Jaime Baptista e Carlos Vilhena¹³.

Inicialmente hesitante, o Exército apoia Gomes da Costa ou mantém-se neutral.

António Maria da Silva demite-se no dia 29 de Maio. Bernardino Machado aceita a demissão e, na manhã seguinte, confia a um dos revoltosos, Mendes Cabeçadas, o encargo de formar governo, ficando este com todo o poder, acumulando (inicialmente) todas as pastas, (...). A 3 de Junho, junta-se Salazar nas Finanças.

¹³ Cf. Maltez, J.A. (2005). *Tradição e Revolução*, Vol. II, p. 325.

O movimento é vitorioso e vitoriado pela população.

Realiza-se, contudo, a última sessão da Câmara dos Deputados, presidida por Rodrigues Gaspar, a que apenas comparecem 37 deputados. Da mesma forma sucede com o Senado, presidido por Correia Barreto, com 24 senadores¹⁴.

A 31 de Maio, Bernardino Machado renuncia ao cargo de Presidente da República e entrega o poder ao Ministério de Mendes Cabeçadas.

O governo de Cabeçadas resulta de um improvável compromisso entre os militares de direita e uma opinião pública ansiosa por uma mudança.

Gomes da Costa dá novo golpe, a 16 de Junho, e impõe-se no poder, mas não

¹⁴ Idem, p. 327.

inspira confiança à Direita, nem revela habilidade política.

A 9 de Julho, novo golpe, agora liderado por Sinel de Cordes, que afasta Gomes da Costa e o substitui por Óscar Carmona, que gozava de maior confiança entre os direitistas.

É a ditadura militar, até 1928 dominada por Carmona e Sinel de Cordes, estando este com a pasta das Finanças e o país na bancarrota, o que o leva a tentar negociar um avultado empréstimo internacional, com o aval político da Sociedade das Nações.

Nesta fase, a Ditadura goza de amplo apoio popular, que via no novo regime o fim da instabilidade política e a perspectiva de recuperação financeira do país, pensamento que, aos poucos, se mostrou

irreal, face ao extremismo de Direita e às tendências fascistas. Os opositores ao Partido Democrático, então dominante, viam também o advento de uma era em que poderiam alcandorar-se a posições políticas de maior destaque.

No início de Fevereiro de 1927, ocorre um movimento revolucionário, militar e civil, primeiro no Porto e, depois, em Lisboa, que se salda na contagem de centenas de mortos e feridos, e na vitória das forças no poder.

Nova revolta é sufocada em 20 de Julho de 1928, tal como é, mais tarde, reprimida a revolução da Madeira (1931).

A partir de Fevereiro de 1927, a oposição organiza-se em Paris, à volta da Liga de Defesa da República, que não logra a

unidade, pois acarreta as divisões do passado.

Sinel de Cordes é portador das exigências da Sociedade das Nações, consideradas inaceitáveis para a soberania do país e o governo desiste do financiamento internacional, factos que ditam também o apagamento político de Sinel de Cordes.

Em Abril de 1928, Carmona é eleito Presidente da República, por sufrágio directo dos cidadãos, e Vicente de Freitas é chamado a formar governo, no qual Salazar assume a pasta das Finanças.

Um governo menos político e com menos presença militar que é entendido como um governo de conciliação e republicano.

Uma remodelação governamental no final do ano de 1928 dá entrada a mais

elementos de extrema-direita, próximos de Salazar.

A pretexto da Portaria dos Sinos, Vicente de Freitas apresenta a sua demissão, sendo substituído por Ivens Ferraz, que tenta seguir idêntico caminho.

Contudo, este não resiste mais do que escasso meio ano, após o que se dá a sua substituição por Domingos de Oliveira, avalizado por Salazar e, finalmente, substituído por este em Julho de 1932¹⁵.

“Após o 28 de Maio, Pestana Júnior esteve preso na fragata D. Fernando, de 25 de Junho a 3 de Julho de 1926.

A sua intensa actividade conspirativa levá-

¹⁵ FERNANDES, F. – *General José Vicente de Freitas – A liberdade de pensar*. Colibri, Lisboa, 2010, pp. 159-161.

-lo-ia de novo à prisão em 15 de Junho de 1928. No Outono deste ano, à revelia dos seus colegas de Directório, estabelece contactos com outros partidos republicanos, tendo em vista celebrar um pacto para a constituição de um governo que sairia de um movimento revolucionário. Essa movimentação é detectada pela polícia que volta a prendê-lo a 18 de Novembro. Em 8 de Janeiro é deportado para o Funchal. Nesta cidade terá acção relevante, em 1931, na chamada Revolta da Madeira, tendo sido nomeado [pela Junta Revolucionária da Madeira] sub-secretário da Economia Pública”¹⁶.

Decorrente da situação económica vivida no Arquipélago da Madeira, a manhã de 4 de Fevereiro de 1931 viu eclodir o

¹⁶ QUEIROZ, A.J., ob. cit., a pags. 415.

movimento insurrecional que ficou conhecido como Revolta da Madeira. A população manifestou-se, aos milhares, em vários locais da cidade, ouvindo os oradores da ocasião, entre os quais o general Sousa Dias que chefiou a Junta Governativa então formada, e o Dr. Pestana Júnior.

Confirmando o protagonismo de ambos, o Jornal satírico *Re-nhau-nhau* publicava, a 14 de Abril, uma caricatura em toda a primeira página, com duas figuras, um amilitar e uma civil, tendo em fundo a bandeira nacional, assim legendada: “*O Dr. Pestana Júnior, sargento de respeito e generalíssimo em direito e finanças – um homem que nem ‘pestaneja’ quando se fala da República e o general Sousa Dias, presidente da Junta Governativa, que*

ajunta, ao muito saber, um grande amor pela Pátria”.

“A sua [de Pestana Júnior] participação nestes acontecimentos iria valer-lhe nova deportação, agora para Cabo Verde. Em 1932 regressa ao arquipélago natal, sendo-lhe fixada residência no Porto Santo. Nesse mesmo ano é excluído da amnistia concedida pelo Decreto 21 493, de 5 de Dezembro. Voltaria posteriormente ao Funchal, cidade onde exerceu advocacia. Em 1945 era o presidente da delegação da Ordem dos Advogados. Nesse ano foi um dos organizadores do MUD na ilha da Madeira. Em 1958, ainda no Funchal, integrou a comissão distrital da candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República.

Carbonário, (organizador do núcleo de Coimbra em 1909/1910), e maçom, foi iniciado em 1913 na loja Revolta, em Coimbra, com o nome simbólico de Bakunine, passando posteriormente para as lojas 'Pátria Portuguesa', 'Cinco de Outubro' (Funchal) e 'Serrania' (Lisboa)¹⁷”.

Proprietário e director do jornal *O Radical* (órgão do Partido Republicano Português na Madeira, entre 1912 e 1916), colaborou no *Diário de Notícias*, n' *O Mundo* e n' *A Luta*, entre outros, além de ter sido autor de obras várias, como “*O problema sacarino da Madeira*” (1918), “*Relatório acerca do contrato para o abastecimento de águas da cidade*” (1913), “*O reconhecimento do Arquipélago da Madeira – 1421 e 1425*” (1920), “*Cristóbal Collon ou Symon Palha na História e na*

¹⁷ QUEIROZ, A.J., ob. cit., a pags. 415.

Cabala” (1928), “Viuva... mas”, “Montado do Barreiro”, “A questão Hinton”, “A Álgebra no Direito Sucessório”, etc.

Terminamos com uma referência de natureza pessoal, denunciadora do seu carácter humano e de pai de família que subsistiam a par das preocupações políticas, extracto de cartas enviadas à família em 1932, enquanto deportado em Cabo Verde e citadas por Aires B. Henriques e pela bisneta, Catarina Pestana Henriques, no ensaio biográfico *“Pestana Júnior - ‘profeta’ Republicano”*:

A partir do exílio em Cabo Verde, em carta *“enviada ao seu filho Francisco, então à beira de perfazer 10 anos de idade e de entrar para o liceu, e em que confessa que: ‘O pai tem estado ultimamente muito doente com abcessos horríveis na boca, e*

no meio das suas dores tem pensado muito nos seus filhinhos e sobretudo em ti que, por seres homem, terás amanhã, como cidadão, responsabilidades próprias e aquelas que, vindas de um pobre mas honesto, quererás decerto tomar sobre ti e desenvolver, tornando-te ilustre e distinto entre os teus contemporâneos. Só o serás se trabalhares desde já nos teus estudos, instruindo-te e educando-te de modo a seres amanhã um valor que, actuando, leve consigo uma grande porção de portugueses”.

Nessa mesma carta, previa então que sua mulher, Ângela, e a sua filha mais nova, Maria Emília, com apenas 5 anos de idade se fossem juntar ao pai nesse desterro “visto não haver esperança – como expressamente dizia – nem de que isso que para aí está acabe tão cedo, nem que me

mandem para a Madeira ou Porto Santo, como aqui correu.

Aproveitava também para enviar alguns conselhos de pai para filho, ainda que consciente que, pela sua pouca idade, não percebesse então muitas das coisas que lhe iria dizer. Recomendava-lhe, por isso, que guardasse a carta e, ‘de tempos a tempos’, a lesse, pois, ‘pouco a pouco (iria) compreendendo melhor o pouco que (aí lhe dizia), do muito que (lhe) querería dizer’.

E, dentro desse pouco, começava por o alertar que: “o nome do pai parece que soa como um clarim de guerra, apesar de só ter eu cumprido sempre o que julgo ser o meu dever, combatendo a tirania que usa de processos bárbaros, e esmaga a Liberdade que custou tantas vidas e tantos sacrifícios a implantar no nosso País.

Recomendava então Pestana Júnior a seu filho que: “é dentro desses princípios que desejo que vás crescendo, persuadido de que nem a ambição, nem o orgulho regulam os passos do teu Pai, mas o desejo de coerência e de manter a própria dignidade de cidadão livre contra quem ergue a violência como norma.

E como homem culto e inteligente, bem conhecedor do curso da história e dos sacrifícios dos povos nestas revoluções, Pestana Júnior equacionava a hipótese – que cada vez mais antevia, e que, desde logo envolvia um grande desejo e compromisso – que só o filho Francisco poderia esforçar-se por cumprir: “pode ser que o destino queira que não seja a geração do pai que restitua o País os seus direitos. Será então a tua que o fará”.

E tinha razão!

Muito obrigado pela vossa atenção.

Francisco Fernandes, Porto Santo, 01/11/2011.